



A RAINHA D. LEONOR
PATRONA DA SOCIEDADE
PORTUGUESA DE REUMATOLOGIA

QUEEN LEONOR
PATRON OF THE PORTUGUESE
SOCIETY OF RHEUMATOLOGY

João Rego

Sociedade Portuguesa de Reumatologia

Portuguese Society of Rheumatology

A RAINHA D. LEONOR
PATRONA DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE REUMATOLOGIA

QUEEN LEONOR
PATRON OF THE PORTUGUESE
SOCIETY OF RHEUMATOLOGY

João Rego*

O escudo da Sociedade Portuguesa de Reumatologia ostenta, desde a sua fundação, em 1972, a efígie e o nome da Rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Não existem documentos que esclareçam os motivos que levaram os fundadores da Sociedade à escolha de tão alto patrocínio, mas é certo que haverá poucas figuras públicas, da História Portuguesa, que melhor que D. Leonor possam estar ligadas ao aforismo hipocrático que o mesmo escudo traz escrito «*Sedare dolorem opus divinum est*». No momento em que Portugal e Lisboa acolhem o Congresso Europeu de Reumatologia afigurou-se pertinente ao Presidente da nossa Sociedade que fosse recordada, para bem dos Reumatologistas, a pessoa da Rainha D. Leonor, cuja vida foi tantas vezes um encontro com a dor e sempre a sua luminosa e radiante superação.

Esboço Biográfico

A Rainha D. Leonor nasceu em Beja no ano de 1458, filha de D. Fernando e D. Beatriz. Seu pai, irmão de D. Afonso V, então reinante, descendia por via paterna de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, de quem era neto. Sua mãe era prima direita de seu pai, pois era filha do infante D. João, filho de D. João I, irmão do rei-filósofo D. Duarte e portanto tio paterno de D. Afonso V e de seu irmão D. Fernando. A Rainha D. Leonor era assim bisneta dos fundadores da segunda dinastia tanto por via paterna como por via materna. Desta endogamia, que caracteriza e produz a descendência dos primeiros reis da segunda dinastia, nascem, com o intervalo de três anos, as notabilíssimas figuras de D. João II, em

*Reumatologista

Since its foundation in 1972, the arms of the Portuguese Rheumatology Society bear the image and name of Queen Leonor, wife to King João II. There are no documents to clarify the reason which led the Society founders to choose such an eminent favour, but it is a fact that few public figures in the History of Portugal have better been connected to the Hippocratic aphorism which the above mentioned arms bear – “*Sedare dolorem opus divinum est*”. At a moment in which Portugal and Lisbon are hosting the European Rheumatology Congress, the President of our Society thought it would be pertinent, for the good of rheumatologists, to remember the personality of Queen Leonor, whose life was so many times a meeting between pain and the illuminated and radiant overcoming of it.

Biographic Draft

Queen Leonor was born in the city of Beja in 1458 to D. Fernando and D. Beatriz. Her father, brother of King Afonso V, then in the throne, descended through his father's line from King João I and Queen Philippa of Lancaster, who were his grandfather and grandmother. Her mother was her father's first cousin, since she was daughter of Prince João, son of King João I, brother of King Duarte, *the philosopher*, and, consequently, uncle on his father's side of King Afonso V and his brother D. Fernando. Therefore, Queen Leonor was the great-granddaughter of the founders of the second dynasty, be it through her father's or her mother's line. From this endogamy, which characterises and

*Rheumatologist

1455, e de D. Leonor, em 1458, eles mesmos primos diretos e futuros esposos.

Tornar-se-ia ocioso tecer considerações sobre a infância e a educação de D. Leonor, uma vez que os cronistas do tempo dela não nos legaram testemunhos, mas é legítimo, que, com o Conde de Sabugosa, imaginemos que a educação da futura rainha decorreu sob o calor e a luz dos ensinamentos que seu avô paterno, o rei D. Duarte, compilou nos livros que escreveu, designadamente nesse tratado tão verdadeiro, tão sincero e por isso mesmo tão sábio que é o *Leal Conselheiro*. O intervalo de duas gerações

concedeu à neta a possibilidade de aplicar eficazmente, na sua vida de todos os dias, os ensinamentos de agilidade espiritual, decerto enunciados pelo avô, mas de que este, talvez por estar temporalmente demasiado perto deles, não tinha podido tirar bom resultado no momento mais doloroso da sua vida, o do martírio de seu irmão Fernando, cativo em Marrocos.

De facto, é em 1471 que D. Leonor se torna personagem histórica, quando, aos treze anos de idade, casa com seu primo o Príncipe D. João. Em 1475, a 18 de Maio, nasce, em Lisboa, o primeiro filho do casal, D. Afonso. Oito anos mais tarde, aos vinte e cinco anos, D. Leonor dará à luz, em Almeirim, uma filha que poucas horas sobreviverá ao parto. Não terá mais filhos.

Será a partir de 1484 que se sucederão outras alegrias e sobretudo muitas dores na vida daquela que de pleno direito fora coroada rainha em 1481, aos vinte e três anos, após a morte de seu sogro e tio, o rei D. Afonso V. Assim, 1484 é o ano da morte de dois familiares próximos, a do Duque de Bragança, seu cunhado, marido de sua irmã, executado publicamente em Évora, por crime de



Figura. Rainha D. Leonor – Queen Leonor

produces the descendants of the first kings of the second dynasty, are born, with an interval of three years, the noblest figures of King João II (1455) and Queen Leonor (1458), themselves first cousins and future spouses.

It would be uninteresting to analyse the childhood and education of D. Leonor, since the chroniclers of the time did not leave any evidence as to them, however fair it is that, in the manner of the Count of Sabugosa, we imagine the education of the future queen took place under the warmth and teachings which her grandfather on her father's side, King Duarte, compiled in the books he wrote,

namely *O Leal Conselheiro*, a true and sincere and, therefore, wise treaty. The gap between the two generations gave his grand-daughter the possibility of applying effectively to her everyday life the teachings of mental agility, surely expressed by her grandfather, though he, maybe for being too close to them in terms of time, did not have the chance to achieve a good result in the most painful moment in his life – the martyrdom of his brother Fernando, captive in Morocco.

In fact, it is in 1471 that Queen Leonor becomes a historical character, when, at thirteen, she marries her cousin Prince João. On 18th May 1475, the couple's first son, Prince Afonso is born in Lisbon. Eight years later, at twenty-five, Queen Leonor gives birth to a daughter in Almeirim. The baby survives for only a few hours. She will have no more children.

From 1484 onwards, other joys will come and most of all, more pain in the life of a person who had been crowned queen in 1481, at twenty-three, after the death of her father-in-law and uncle, King Afonso V. Therefore, 1484 is the year in which two close relatives die – the Duke of Bra-

lesa-majestade, e a de seu irmão mais velho, D. Fernando, Duque de Viseu, morto às mãos do próprio D. João II, na alcáçova do castelo de Setúbal, ao que parece, ele também entendido com Castela para o assassinio do rei.

1488 é o ano do casamento do filho, D. Afonso, com D. Isabel, filha dos Reis Católicos, casamento sonhado pelo Homem, D. João II, como prelúdio à união, até hoje impossível, dos povos de toda a península hispânica sob uma mesma coroa. Às alegrias destes esponsórios sucede, três anos mais tarde, a imensa dor pela perda do filho, então com dezasseis anos, vítima de um trágico acidente equestre em Santarém.

Em 1495, quatro anos mais tarde, D. João II morrerá em Alvor, aos quarenta anos de idade, talvez vítima de envenenamento, seguramente vítima das feridas que nas almas humanas desfere a implacável sucessão de golpes dados e de golpes recebidos, a sinistra lei de acção e reacção que move o mundo dos poderes.

Extinto o projecto político do Príncipe Perfeito de unir os povos hispânicos, é nos quatro anos que medeiam entre a morte do filho e a morte do marido Rei, que parece oportuno buscar informação sobre o relacionamento entre D. Leonor e D. João II. Corre que era um casamento sem amor, corre que a morte do Duque de Bragança e a do Duque de Viseu marcaram, entre o Rei e a Rainha, o início de um afastamento que se tornou cada vez maior, levantaram-se suspeitas de que a Rainha tenha sido autora moral do envenenamento que terá levado à morte, aos quarenta anos de idade, um homem investido de uma força física que parecia inesgotável. A análise serena de alguns acontecimentos marcantes da vida da Rainha faz pensar que a única verdadeira crise de desentendimento e a real e definitiva separação entre os esposos ocorreu nos quatro últimos anos da vida do Rei, quando este pretendeu que um seu filho bastardo, D. Jorge, lhe sucedesse no trono, e para tal tentou obter, primeiro a concordância da Rainha, para que reconhecesse e perfilhasse o bastardo, depois, perante a recusa de D. Leonor, a autorização do Papa. A luta travada entre o Rei e a Rainha implicou diversos dignitários influentes na Cúria Pontifícia, entre os quais D. Jorge da Costa, o chamado Cardeal Alpedrinha, homem que fora sempre malquisto do Rei, e que permaneceu até ao fim fielmente dedicado à Rainha. Esta lutou sempre e conseguiu impor que a sucessão no trono se fizesse por via legítima, uma vez que o herdeiro do trono,

ganza, her brother-in-law, her sister's husband, executed publicly in Évora for lese majesty; and her elder brother, D. Fernando, Duke of Viseu, killed at her own husband's hands at the fortress of the castle of Setúbal, as it seems also for being compromised with Castile for the murder of the king.

1488 is the year of her son's wedding, D. Afonso, to D. Isabel, the Catholic King's daughter, dreamed by D. João II as a presage to the union, up to the present impossible, of the peoples of the entire Hispanic Peninsula under the same crown. To the joys of these spousals follows, three years later, the immense pain caused by the loss of her son, then sixteen years of age, victim of a tragic equestrian accident in Santarém.

In 1495, four years later, King João II dies in Alvor, at forty years of age, perhaps due to poisoning, no doubt due to the wounds that the implacable succession of given and received blows to the human soul, the sinister law of action and reaction that makes the world of power move.

Since this extinguished the political project of the Perfect Prince, of uniting the Hispanic peoples, the four years between the death of her son and her husband, the king, seem to be the appropriate time to search for information on the relationship between Queen Leonor and King João II. As it seems, it was a loveless marriage and the death of the Duke of Braganza and the Duke of Viseu set the beginning of the detachment between king and queen, a distance which grew ever and ever greater, suspicions having been raised that the Queen had been the moral author of the poisoning that led to the King's death, at forty years of age, a man with such physical strength that appeared to be inexhaustible. When analysing coolly some of the events marking the Queen's life, we come to think that the only true crisis and the real and final separation between the spouses occurred in the last four years of the King's life, when he intended to have an illegitimate son, D. Jorge, as his successor to the throne. For that, he tried first to obtain the Queen's consent, that she would acknowledge and adopt his illegitimate child. Afterwards, when she refused, he aspired to the Pope's consent. The struggle between the King and the Queen involved several influential representatives of the Papal Curia, among which D. Jorge da Costa, the so called Cardeal Alpedrinha, a man the King always disliked and who continued to be dedicated to the

em caso de desaparecimento do filho legítimo D. Afonso, aliás como tal já antes reconhecido pelo Rei, desde o ano sangrento de 1484, seria D. Manuel, irmão mais novo de D. Leonor. O Rei, por seu lado, pugnou para que lhe sucedesse outro filho, fruto da ligação com D. Ana Mendonça, filho querido, também ele, que confiara à educação de sua irmã a Infanta D. Joana, recolhida em Aveiro. Do que foram os golpes recebidos e os golpes dados por um e por outro dos esposos podemos ter uma noção se atendermos a que o Rei, na sua agonia, tentando partir em paz, dirigiu carta à Rainha em que lhe pedia o seu perdão pela vontade que tentara impor-lhe quanto à sua sucessão... Este aparenta pois ser o mais sério motivo de agravo entre estas duas pessoas notáveis. Quanto a outros motivos, talvez nunca tenham tido nas relações entre ambos a importância que se lhes quis e quer dar.

Frei Jorge de São Paulo, biógrafo rendido ao encanto activo da Rainha, conta, com o deleite e o mal escondido orgulho, aliás saudável, do pedagogo que vê desempenhar-se bem alguém que poderia ter sido um dos seus alunos, que, numa manhã ribatejana de sol, em Alcochete, o jovem casal real, já então agraciado com o nascimento do primeiro filho, viveu alguns momentos de pânico... e de amor. De visita à vila, à frente de grande cortejo pelas ruas, deparou-se o casal com um toiro bravo que acidentalmente se soltara. Num repente, o séquito desaparecera, espavorido, e com ele a guarda e a protecção de ambos. Interpondo-se entre a Rainha e a fera, D. João, só, desembainhou a espada e avançou. Refeitos do susto e do medo, guardas e populares dominaram logo a seguir o animal. Difícil será pensar, perante um episódio como este, que não houvesse então, entre marido e mulher, o amor e a dedicação que esta coragem atesta...

A Criação do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, nas Caldas da Rainha

Se as *Misericórdias*, inspiradas e criadas pela Rainha D. Leonor, representam o capítulo social do seu legado, essencialmente pelo seu papel de assistência aos pobres e às famílias desvalidas, a criação do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, num local onde já existiam termas desde a colonização romana, e que muito rapidamente, ainda em vida de D. Leonor, se veio a chamar Caldas da Rainha,

Queen to the end of his days. As to her, she always fought and succeeded in imposing that the succession to the throne was through the legitimate line, since the heir to the throne in case of the loss of the legitimate son, D. Afonso, such as the king had recognised before, since the bloody year of 1484, would be D. Manuel, Queen Leonor's younger brother. On the other hand, the King fought in order to be succeeded by another son, born of a liaison with D. Ana Mendonça, a beloved son, who he had placed in the custody of his sister, Princess Joana, who was in a convent in Aveiro. We can have a better perception of the blows given and received by either of them, when we find out that the King, in agony and trying to depart this life in peace, wrote a letter to the Queen in which he asked for her forgiveness for trying to impose his will as to the succession... This seems to be the gravest reason for offence between these two notable people. As to other motives, perhaps in their relationship they never had the importance some people wanted and still want to place in them.

With pleasure and barely hidden and also healthy pride, suitable of the pedagogue who observes the success of one who could have been his student, her biographer Friar Jorge de São Paulo, surrendering to the vigorous charm of the Queen, recounts that in a sunny morning in Ribatejo, at Alcochete, the young royal couple, then already blessed with the birth of their first child, experienced moments of panic... and love. While visiting the small town, at the head of a large street procession, the couple was faced with a wild bull that had accidentally run loose. Suddenly, the appalled party had gone and with it the guard and their protection. Standing alone between the Queen and the beast, D. João drew his sword and went forward. Recovered from the shock and the fear, guards and population immediately controlled the animal. Faced with such an episode, it is hard to think that there existed no love and dedication between husband and wife, such as this action proves...

The Creation of Nossa Senhora do Pópulo Hospital in Caldas da Rainha

If the *Misericórdias*, inspired and created by Queen Leonor, stand for the social chapter of her legacy, basically in their role of social work and

representa o seu legado próprio à saúde. E é de ver que foram a criação deste Hospital e a clara distinção entre os conceitos de assistência social e de saúde, atestada pela criação e a manutenção de obras distintas, respectivamente dedicadas a um e outro destes conceitos, que fizeram da Rainha patrona excelsa da acção, e da obra, que os fundadores da Sociedade Portuguesa de Reumatologia lançaram. Acresce que é crença de todos que o Hospital das Caldas da Rainha foi, desde o início, um lugar de tratamento de *frialdades**, como então se dizia, e hoje ainda se diz, para designar a origem de algumas doenças ósteo-articulares, e aqui se encontra outro argumento para a colocação da nossa Sociedade sob o patrocínio de D. Leonor. Vaverá a pena fazer alguns reparos a esta crença, mas antes, é justo fecharmos as considerações acerca dos laços pessoais entre D. Leonor e D. João II.

Num reinado curto, entre 1481 e 1495, todo ele inspirado e dirigido por duas ideias-mestras – a concentração do poder político no Rei e as Descobertas – provavelmente nenhum acto, nenhuma decisão de alcance sensível da Coroa se inscreveria fora destas duas ideias directoras. Será que a criação do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, obra querida da Rainha, que lhe deu pessoalmente nome, corpo e governo durante os primeiros anos, fugiu a esta regra? Não. Historiadores das Caldas da Rainha, como João B. Serra, são peremptórios ao afirmar que a criação do Hospital e a própria fundação da povoação que hoje chamamos Cidade das Caldas da Rainha foram actos políticos do casal real, actos concertados entre D. Leonor e D. João II, dentro do plano geral ou gerador de uma monarquia de poder absoluto centrado no Rei. É que o território do concelho das Caldas da Rainha, concelho criado ainda em vida de D. Leonor, foi desanexado do do concelho de Óbidos e este era governado pelos poderosos monges cistercienses de Alcobaça, ciosos das suas prerrogativas e das suas riquezas, das suas terras, dos seus habitantes... e dos impostos que lançavam. Torna-se assim evidente que a Rainha comungava dos mesmos princípios e dos mesmos fins que o Rei em matéria política, como prova o seu empenho em vencer as resistências dos pequenos e grandes poderes locais, não só para que se construísse o Hospital mas também para que ele se tornasse, como se tornou, sede de um novo Concelho, mais poderoso e mais dedicado ao Rei e à Coroa. O Hospital das Caldas da Rainha foi, na região em que se encon-

assistance to wretched families, the creation of the Nossa Senhora do Pópulo Hospital, in a place where there already existed thermal springs since the Roman colonisation and that very rapidly (still in the Queen's lifetime) came to be called Caldas da Rainha, represents her own legacy to health. It must be remarked that the creation of this Hospital and the clear distinction between the concepts of social work and health, proved by the creation and maintenance of distinct works dedicated respectively to one or the other concept, are the circumstances that made the Queen the eminent patron of the action and of the work launched by the founders of the Portuguese Rheumatology Society. Besides, it is common belief that the Caldas da Rainha Hospital was, from the beginning, a place where *frialdades**, as it was said then and it is still said today to designate the origin of some osteoarticular conditions, were cured and here we find another argument for the assignment of our Society under the patronage of Queen Leonor. It is also worth adding some remarks to this belief, but before it is fair to put an end to the reflections about the personal ties between Queen Leonor and King João II.

Their short reign (1481 to 1495) was all inspired and directed by two main ideas: the concentration of political power in the hands of the King and the Overseas Expansion. Probably no act or decision of appreciable reach of the Crown would be set apart from these two main guidelines. Will it be that the creation of the Nossa Senhora do Pópulo Hospital, work the Queen held dear, personally giving name, body and government to it during the first years, was an exception? No. Historiographers of Caldas da Rainha, such as João B. Serra, state peremptorily that the Hospital's creation and the foundation of the settlement itself, that we today call City of Caldas da Rainha, were political acts of the royal couple, agreed acts between Queen Leonor and King João II, as part of a general plan or as generator of an absolute power monarchy, in which power was fully centred in the hands of the sovereign. The territory of the municipality of Caldas da Rainha, created while Queen Leonor was still living, was taken from the municipality of Óbidos, which was governed by the powerful Cister monks of Alcobaça,

*Translator's Note: The word *frialdade* was used in ancient Portuguese with the same meaning as 'coldness' in our days. However, it was used to refer specifically to rheumatism.

tra, um instrumento da luta de D. João II, contra o clero de Alcobaça, pela consolidação do poder real. A Rainha fez sua esta luta, tanto em vida do Rei como depois da sua morte, já que, decidida e iniciada a construção do Hospital em 1485, ele só seria terminado nos primeiros anos do século de quinhentos, sempre sob impulso e governo de D. Leonor. Neste domínio, essencial durante o reinado de D. João II, nunca houve desentendimento entre os esposos.

Medicina Real: a Termal e a Pessoal

Como diz e escreve o já citado biógrafo da Rainha, Frei Jorge de São Paulo, em livro escrito mais de cem anos após a morte de D. Leonor, o Hospital é *para todos, porque a doença a todos toca, ricos e pobres*. Este o primeiro aspecto a salientar: foi criado para todos. O segundo aspecto é, sem dúvida, o da sua organização, pois há, desde o início, a preocupação em separar, segundo a nosologia da época, os *febricitantes, os entrevados, os convalescentes* e outros grupos, que não devem misturar-se, e esta organização supõe um cuidado arquitectónico raro na época, aliás já patente em Lisboa, com a construção, durante o mesmo reinado, do Hospital de Todos-os-Santos. São também distintas as enfermarias de mulheres e de homens; e também as dos religiosos, dos leigos e dos clérigos, separações, estas últimas, cuja subtileza nos ultrapassa hoje em dia. Surgem serviços de apoio: botica, rouparia. Constroem-se habitações para médicos e provedores. Tudo gravita à volta de um corpo central, que alberga as piscinas, e o chamado *banho da Rainha*.

São águas cálidas ou caldas, já conhecidas e aproveitadas pelos Romanos, como dissémos, e desde então, com melhores e piores momentos e resultados. Mas depois da criação do Hospital a elas acorrem enfermos de enfermidades várias (Frei Jorge de São Paulo): *frialdades, tolhidos dos membros, enfermos do ar, opilados, fracos do estômago, mulheres doentes do fluxo e as que lhes falta o menstro, estéreis, gotosos, moucos, leprosos, doentes do mal francês...* No seu entusiasmo, o biógrafo da Rainha escreve, com aquela inexacta mas comovedora verdade tão própria da admiração sincera: *Em vez de fundar um Hospital em que houvesse várias enfermarias de várias doenças necessitando de várias medicinas; (a Rainha) antes fabricou este Hospital de uma só Medicina,*

zealous of their prerogatives and riches, of their lands and inhabitants... and of the taxes they charged. It is thus evident that the Queen shared the same principles and ends the King had in terms of politics, as is demonstrated by her commitment in overcoming the resistance of the smaller and greater local powers, not only for the construction of the Hospital, but also for it to become, as it did, the grounds of a new Municipality, more powerful and dedicated to the King and the Crown. The Caldas da Rainha Hospital was, in the region where it is situated, an instrument of the struggle between King João II and the Alcobaça clergy for the consolidation of the royal power. This Queen took this fight as her own, during the Kings life as well as after he was deceased, since, being the hospital's construction decided upon and started in 1485, it would only be completed in the first years of the sixteenth century, always under influence and government of the Queen. In this area, essential during the reign of King João II, there were never any disagreements between the spouses.

Royal Medicine: Thermal and Personal

According to what says and writes the already quoted biographer of the Queen, Friar Jorge de São Paulo, in a book written over one hundred years after Queen Leonor's death, the *Hospital is for everybody's use, for everybody becomes ill, rich and poor*. This is the first point to underline: it was created for all. The second point is, undoubtedly, its organisation, because since the beginning there has been concern in separating, according to the nosology of the time, *the feverish, the crippled, the convalescing* and other groups, who should not be mixed, and this organisation leads you to think that there existed a rare architectonical care for the time, also already evident in Lisbon, with the building, during the same reign, of the Todos-os-Santos Hospital. There also existed separate infirmaries for women and men, as well as for the religious, the laymen and the clergy. The subtlety of the latter distinctions overcomes us nowadays. Support services appear: pharmacy, wardrobe. Quarters for physicians and purveyors are built. Everything depends upon a central body, composed of pools and the so-called *Queen's bath*.

The waters are very warm or hot springs, as we

que, apesar de ser só uma, dá saúde perfeita a vários enfermos.

Diz a lenda que a Rainha terá decidido a construção do Hospital depois de ela mesmo ter experimentado as virtudes terapêuticas das águas das Caldas de Óbidos, como antes eram chamadas, que a libertaram de sofrimento persistente. Outra lenda conta que foi o encontro de pessoas pobres que, a céu aberto, se banhavam naquelas águas sulfurosas quentes, por padecerem de *frialdades*, encontro ocorrido num dia em que viajava por aquele lugar a caminho da Batalha, que levou a Rainha a interessar-se pelas águas, pela terra e pelas gentes e a desejar ver erguer-se o Hospital. À incerteza quanto às causas próximas da decisão da Rainha, responde o facto em si, da construção do Hospital, primeiro e, durante séculos, exclusivo factor de desenvolvimento do Concelho e da região. Desde cedo esse desenvolvimento se fez sentir, e prova isso mesmo a intensa, fervorosa gratidão que o povo das Caldas da Rainha sempre testemunhou ao casal real, muito estimado, em vida e depois.

Quanto a nós, Reumatologistas Portugueses, que a temos como patrona, pecaríamos por ingratidão se nos despedíssemos da Rainha deixando-a no Convento lisboeta da Madre de Deus, que também fundou e onde o seu corpo foi sepultado, quando partiu, aos sessenta e sete anos de idade. Sobreviveu trinta anos a seu marido, trinta anos em que se manteve incessantemente activa: animadora das Misericórdias; protectora de Gil Vicente; autora do projecto das Capelas Imperfeitas, da Batalha, que idealizou como panteão da sua família próxima, marido e filho; primeira provedora do Hospital das Caldas da Rainha, durante cerca de dez anos; fundadora do Templo de Nossa Senhora da Merciana e do Convento de Torres Vedras. Pecaríamos e pecaremos por ingratidão enquanto não nos deslocarmos às Caldas da Rainha, sua criação e sua benfeitoria, e enquanto, caminhando e reflectindo, visitando o lugar e tocando o seu espírito, não atentarmos em que a sua fortíssima capacidade realizadora, culta, inteligente e benfazeja, ainda hoje está presente, e em que aquela *uma só Medicina*, que Frei Jorge de São Paulo agudamente intuiu como elemento terapêutico quase exclusivo no Hospital, é, desde o princípio e pelo tempo fora até nós, afinal, ela mesma, a Rainha, D. Leonor, não médica, não mediadora, mas deusas e sempre Medicina. Ficar-lhe-emos gratos, então, quando admitirmos que a arte-ciência, que,

said already known and used by the Romans and since their times, with better or worse moments and results. However, after the Hospital's creation people with varied sicknesses come to it (Frei Jorge de São Paulo): *frialdades, the crippled in the arms and legs, those with air infirmities, the constipated, the weak from the stomach, women with flow problems and those without menstruation, the barren, the gouty, the deaf, the leprous, those with syphilis...*

In his enthusiasm, the Queen's biographer writes, with that inexact but moving truth, due to sincere admiration: *Instead of founding a Hospital in which there existed several wards of several diseases needing several medicines; (the Queen) created instead this Hospital with only one Medicine, that, despite being only one, gives perfect health to several infirms.*

According to legend, the Queen decided for the construction of the Hospital after she herself had tried the therapeutical virtues of the springs of Caldas de Óbidos, as they were called before, which released her from persistent suffering. Another tale tells of a meeting with poor people which, in the open, bathed in those sulfery hot waters, for suffering from *frialdades*, and which happened in a day when she was travelling in the place on her way to Batalha. As it is said, this led the Queen to become interested in the waters, the land and the people, coming to wish for the Hospital to be built there. To the uncertainty of the near causes for the Queen's decision, answers the fact of the Hospital being built, first and, during centuries, an exclusive factor of development in the Municipality and the region. Soon this development came to be felt and this is proved by the intense and feverous gratitude of the people of Caldas da Rainha for the royal couple, so beloved, during their lifetime and afterwards.

As to us, Portuguese rheumatologists, who have her as patron, would be ungratefully sinful if we said our goodbyes to the Queen and left her in the Madre de Deus Convent, in Lisbon, that she also founded and where her body was buried when she passed away at sixty-seven years of age. She survived thirty years after her husband's death, in which she remained always active: spirit of the *Misericórdias*; protector of playwright Gil Vicente; author of the project of the Imperfect Chapels, in Batalha, which she idealised as a pantheon for her close relatives, husband and son; first administrator of Caldas da Rainha Hospital,

um dia, muitos dias, abraçámos e abraçamos, comporta em si a liberdade de encarnar, isto é, de tornar-se viva em cada uma das raras pessoas que plenamente a aceitam e por ela deixam mover-se, e, deixando-se mover, movem por sua vez outros. Movem outros, como ela, Rainha, move, sempre, ontem, hoje, amanhã.

Bibliografia/References

- História da Rainha D. Leonor e da fundação do Hospital das Caldas, 1656, por Frei Jorge de São Paulo. Manuscrito da Biblioteca do Hospital Termal das Caldas da Rainha, parcialmente reproduzido por Fernando da Silva Correia em História da Rainha D. Leonor, Lisboa, 1942.
- Terra de Águas, História e Cultura, edição da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. Coordenação de Luís Nuno Rodrigues, Mário Tavares e João B. Serra.
- A Rainha D. Leonor, 1458-1525, pelo Conde de Sabugosa, Lisboa, ed. Portugal, 1921.
- Sobre as Águas - Hospital Termal Rainha D. Leonor, com fotografias de Vasco Trancoso e texto de João B. Serra, edição do Hospital Termal Rainha D. Leonor e dos autores, Caldas da Rainha, 1991.

for about ten years; founder of the Temple of Nossa Senhora da Merciana and the Convent of Torres Vedras. We would and will be ungratefully sinful not to go to Caldas da Rainha, her creation and benefactor, and while walking and thinking, visiting the place and touching her spirit, if we do not realise that her cultrate, intelligent and beneficent presence is still felt today, with her very strong capacity to accomplish, and in that *one Medicine*, which Friar Jorge de São Paulo acutely perceived as a therapeutic element almost exclusive to the Hospital, is, since the beginning and all through time until the present, herself, Queen Leonor, not a doctor, not a mediator, but truly and always Medicine. We will be grateful, then, when we admit that the art-science that, one day and several days, we embraced and embrace, comprises in itself the freedom to incarnate, that is, of becoming alive in each one of the rare people who fully accept it and are moved by it, and, in doing so, make others move in their turn. They make others move, as the Queen still does, always, yesterday, today and tomorrow.